

QUESTÕES PEDAGÓGICAS

OS OBJETIVOS DO ENSINO DA HISTÓRIA NO CURSO SECUNDÁRIO.

Essencial para a educação é o conhecimento seguro dos seus objetivos. Afirmar que pareceria banal e inútil se não estivéssemos constantemente assistindo a novas reformas que visam o *curriculum*, ou os programas das várias matérias, copiando fórmulas estrangeiras e esquecendo o princípio básico da educação — a consciência clara dos seus objetivos, o que depende diretamente de uma filosofia de vida. Que se pretende do indivíduo? Como é ele compreendido nas suas relações com a sociedade? Qual a sociedade onde vai ele viver? Qual a sua posição no quadro mais amplo do Universo? São questões imprescindíveis na orientação dos problemas educacionais. Toda educação que não se assente sobre essas sólidas bases não se realiza. Fica a meio caminho. Talvez seja essa a principal explicação da falência da educação contemporânea na nossa sociedade, onde as diretrizes são múltiplas e se confundem. Sem que se conheçam os verdadeiros alvos a serem atingidos é impossível qualquer planificação e educação é essencialmente plano, método. O desconhecimento desses desorganiza todo o sistema educacional desde a seleção das matérias, até a maneira de ensiná-las que está em grande parte na sua dependência.

Além de nortear as linhas gerais da educação o conhecimento dos objetivos orienta, no caso mais particular, a atitude do mestre. A maneira de abordar a matéria, de explorá-la, frisando este ou aquele aspecto, empregando este ou aquele método, está condicionada aos objetivos a serem alcançados. O professor a quem falta plena consciência do que pretende ao ensinar é como um barco desgovernado que não sabe aonde irá aportar. Seu ensino sofre a deficiência, a insegurança da falta de um objetivo. A atitude em face do aluno está da mesma forma condicionada. Mas, poder-se-ia perguntar: por que tantas divagações? O problema é tão simples — os objetivos de cada matéria não seriam apenas o ensino dessa matéria? Embora há muito essas idéias tenham sido consideradas superadas, há ainda quem não reconheça que os objetivos do ensino desta ou daquela matéria (digamos no nosso caso — a História) no curso secundário se prendem a alvos mais altos — ao próprio significado da educação.

O problema dos objetivos do ensino da História no curso secundário, da finalidade do seu estudo, nos obriga a fazer uma distinção primeira entre a História “ciência” e a História “matéria”. Há perigo de confusão dos conceitos. Uma e outra tem caracteres diferentes. Para a História “ciência” não precisamos buscar uma finalidade. Esta, diria Marc Bloch, justifica-se por si mesma. Os debates em torno da utilidade ou inutilidade, vantagens ou desvantagens dos estudos históricos têm apaixonado inúmeros espíritos. Contra ela lembramos sempre Paul Valéry, ou certas passagens de Nietzsche. Em sua defesa: Seignobos, Bloch, Lucien Febvre e muitos outros. A luta prossegue em nossos dias.

No mundo atual, onde o materialismo procura avassalar o espírito, o homem embriagado com o resultado das descobertas científicas que se multiplicam, absorvido pelas preocupações econômicas, é dominado pela idéia utilitarista. Tudo precisa ter um fim útil. Só assim justifica sua legitimidade e pode subsistir. Não só a História, até mesmo a arte: a música, a pintura, a poesia, sofrem desse mal. Não basta mais que um estudo responda a uma necessidade íntima da nossa mente, para estar justificado. Para que serve? Qual sua utilidade? Sua finalidade imediata? São perguntas que sempre ocorrem.

E’ nela mesma, diria Bloch, que a História encontra sua razão de ser. Não há necessidade de se buscar finalidade externa, embora, talvez, estas possam ser encontradas. O desejo de lhe dar uma utilidade tem levado muitas vezes a sérios erros. A História feita, propositada, conscientemente, a serviço de uma idéia política, por exemplo. A História demagógica que surge em todos os tempos ditatoriais, quando a liberdade de pensamento é cerceada, não tem valor. Deixa de ser História. E’ uma imitação grosseira.

Chamou-se no passado a História — “mestra da vida”. Hoje dizemos: os fatos não se repetem, não há lições tão imediatas na História. Talvez muito remotamente.

Se podemos chegar mesmo a desprezar a preocupação utilitarista diante da História “ciência” em face da História “matéria” a atitude é outra. Esta tem uma finalidade a preencher: realizar os objetivos do ensino secundário em geral, desde que consideramos a matéria não como um fim em si mesma mas como um meio para alcançar um fim (expressões já banalizadas, tantas vezes repetidas mas que infelizmente não penetraram na consciência de todos os professores do ensino secundário), fim êsse, repetimos, que reconhecemos de maneira simplista e provisória, como o de formar a personalidade integral do adolescente e em segundo plano, fornecer-lhe conhecimentos básicos específicos.

Como preenche a História essa função?

Inicialmente pelo seu caráter informativo, amplia a visão intelectual, fornece conhecimentos novos. Por outro lado ela dá margem a expansão do aluno — oralmente ou por escrito. Sendo matéria essencialmente expositiva desenvolve hábitos de expressão e sistematização do pensamento. O aluno aprende a expressar-se, a formular suas idéias com clareza e método. O aproveitamento da História nesse sentido depende, evidentemente, da orientação seguida pelo professor. O uso e abuso de perguntas nas sabinas e exames, o que facilita sem dúvida alguma o trabalho de correção é, a esse respeito, pouco producente. A exposição oral contribui para dar segurança ao aluno, domínio, contróle de si mesmo, hábito de falar em público. Diminui as inibições. Dessa forma estamos contribuindo para a formação da sua personalidade.

A História ajuda também a desenvolver o raciocínio. Educa a imaginação. Formulando problemas, analisando os “porquês”, as razões, as condições que explicam um determinado fenômeno histórico, cria-se o hábito de propor questões, de refletir sobre os problemas da sociedade. Enxergar soluções. Mas tudo isso sempre que a História ensinada permaneça num plano explicativo e não se restrinja a fastidiosa enumeração de fatos, dados, nomes, geralmente sem significado, e que são obrigatoriamente decorados pelos alunos.

Não menos fecundo é o desenvolvimento do espírito crítico, da capacidade de julgamento, ampliados pelo estudo da História, quando bem orientado. A análise de situações passadas cria o hábito da análise de situações contemporâneas.

O interesse pelos problemas humanos contribui para a boa formação moral do indivíduo. Não pensemos ao falar em formação moral que a História dará exemplos — lições de moral. Pelo contrário. Muitas vezes veremos ao observar os fatos do passado que nem sempre venceu o melhor. A preocupação com os problemas morais deturparia a História, e nos obrigaria a falsificá-la. Nada nos impede, entretanto, que ao focalizar o passado nos detenhamos mais, ou especialmente, nos fatores positivos das realizações dos povos — na arte, na literatura, na ciência, no intercâmbio entre eles, no que uns devem a outros, na continuidade da civilização e da cultura, na responsabilidade de todos os tempos, no admirável trabalho da humanidade. Estaremos assim, inegavelmente, dando uma lição de moral.

A História fornece um “maior sentido de relatividade, contrapeso para a nossa paixão do absoluto”. Liberta de preconceitos — limitações do espírito. Livra de superstições. Aumenta a tole-

rância. Contribui para a formação estética do indivíduo, através da compreensão da beleza das realizações humanas — arte, literatura. Torna a vida mais significativa. Mas tudo isso dependerá da maneira de tratá-la, não se limitando o professor aos fatos políticos, mas procurando ver o homem através de tôdas suas atividades.

O estudo dos problemas dos mundos antigos, desenvolve o interesse pela participação na vida política e social, contribui para uma boa formação da consciência patriótica e internacional.

Um último aspecto. A História amplia a capacidade de compreensão. A preocupação com os problemas humanos alarga a visão. História é compreensão. Compreensão de um passado — chave de um presente. Compreensão do presente. A História é antes de mais nada um esforço de compreensão da vida do homem, pois é a êle que ela busca em todos os tempos. E' essa a História que reconhecemos hoje. Não acreditamos na História dos fatos — na história "historizante". Há uma nova História — a "ciência do homem" — para uma nova época. A concepção de História tem variado através dos tempos. Seguindo ainda uma vez as pegadas de Lucien Febvre e Bloch — não há História, há historiadores. Varia o homem, variam as concepções de História. A dos nossos dias, relaciona, explica, analisa, busca o homem. E' esta a que dizíamos, amplia a capacidade de compreensão. A vida flui, o presente hoje é passado amanhã. O presente resulta do passado. A chave do presente é a História. "A sociedade que nos rodeia, nossos costumes, nossas crenças, nossa cultura, nossas instituições, as leis que nos regem, os quadros políticos aos quais nos acostumamos são frutos dos séculos que nos precederam". O desconhecimento do passado obriga ao desconhecimento do presente. A boa compreensão do presente decorre do conhecimento do passado. Assim como para conhecer um homem necessitamos saber a sua infância, não poderemos dizer que compreendemos uma sociedade presente se não soubermos o seu passado. "Sans son secours le monde ou nous vivons serait un enigme", diz Halphen. Essa é a grande contribuição da História.

EMÍLIA VIOTTI DA COSTA

Auxiliar de Ensino da Cadeira de História da Civilização Moderna e Contemporânea da Faculdade de Filosofia Ciências e Letras da Universidade de São Paulo